

2.9 • As Relações Internacionais em contexto de pandemia

NARRATIVAS POLÍTICAS NA PANDEMIA E O RECRUDESCIMENTO DO PRECONCEITO COM A CHINA

Pedro Steenhagen

Texto entregue em Outubro de 2020

NA LÍNGUA CHINESA, mais especificamente no mandarim, 欧美 (Ōu Měi) pode ter dois significados principais. O primeiro é bastante objetivo, “Europa e Estados Unidos”, porém o segundo carrega certo grau de subjetividade, podendo denotar a ideia de “Ocidente” ou de “mundo ocidental” em um sentido próximo a “mundo desenvolvido”. Afinal, em termos de localização geográfica, “Ocidente” é representado pelo ideograma 西 (Xī).

Trata-se de uma perspectiva bastante interessante e, por vezes, desconhecida pelas pessoas no plano ocidental, até pela questão da barreira linguística; contudo, a desinformação pode gerar certos ruídos no diálogo com chineses, bem como resultar em preconceito para com a República Popular da China. O Brasil, por exemplo, tendo recebido grande influência europeia e norte-americana ao longo de sua história, considera-se, certamente, parte do mundo ocidental – inclusive, o atual Ministro das Relações Exteriores do país, Ernesto Araújo, já deixou clara essa percepção em seus discursos e textos com viés conservador. Imagina-se, assim, como essa informação pode soar estranha para uma pessoa chinesa, ou mesmo como um brasileiro poderia ficar desconfortável com a diferente percepção do distante povo do País do Meio.

Aliás, “País do Meio” é a tradução direta de 中国 (Zhōng Guó), que, por sua vez, é o que a língua portuguesa chama “China”. O termo em mandarim advém da visão de mundo chinesa, representada nos mapas utilizados pelo país com seu território centralizado e baseada na noção de que a China seria uma referência global, tendo em vista sua relevância histórica, cultural, geográfica, política e socioeconômica. De facto, para um representante da cultura ocidental, deve gerar estranhamento não vislumbrar o globo de uma maneira eurocêntrica. Tudo é uma questão de perspectiva e, no fundo, de narrativa.

O domínio da narrativa e o poder sobre a verdade

Narrativas são extremamente importantes para a História e para a construção – ou destruição – de relações, podendo influenciar de maneira determinante os rumos de um pensamento individual ou coletivo. Por trás do desenvolvimento de uma narrativa e de sua aceitação como fato ou verdade pela maioria de uma população, há, geralmente, alguma espécie de disputa, e, no caso do sistema internacional, no qual variados interesses estão em jogo a todo o instante, não é incomum que essa disputa envolva poder.

Um mesmo acontecimento histórico, por exemplo, acerca da colonização europeia no continente sul-americano, certamente poderia ser contado de formas absolutamente divergentes

por atores diversos. Restaria saber qual narrativa prevaleceria ao longo do tempo, qual teria a força para tornar-se um fato ou uma verdade para seus povos e para a História Mundial. No Brasil, ainda hoje, ensina-se às crianças que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, como se a *terra brasílis* ali não estivesse antes de 1500, com toda a riqueza das culturas indígenas presentes. Não se propõe estudo sobre o período pré-Cabral, para além de algumas menções genéricas.

“
Narrativas são extremamente importantes para a História e para a construção – ou destruição – de relações.
”

Trata-se de abordagem diferente de outros países sul-americanos, que buscaram revisar narrativas implementadas pelos detentores de poder e resgataram raízes e conhecimentos tradicionais de civilizações pré-colonização. Processos históricos distintos resultaram, obviamente, em dissemelhantes narrativas e formas de perspectiva sobre seus povos. Em contrapartida, ressalta-se, dentre outros fatores, a relevância das disputas de poder e dos interesses em privilegiar determinada narrativa em detrimento de outra na construção de identidades – e todos os sentimentos inerentes a questões identitárias – e de verdades amplamente reconhecidas e difundidas.

A pandemia da COVID-19 e as narrativas preconceituosas em relação à China

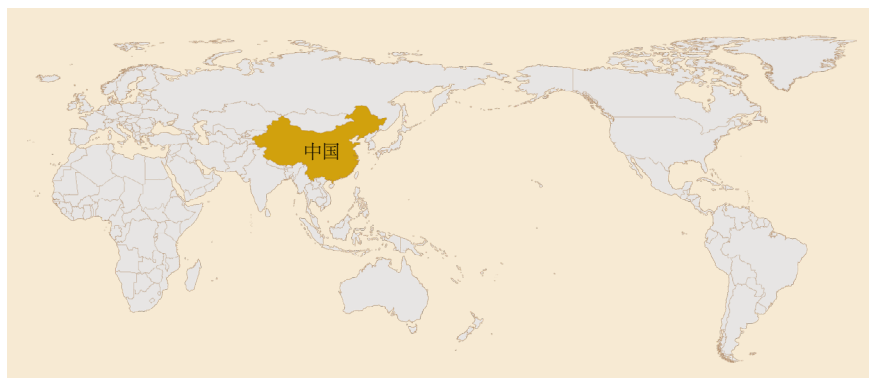
Desde o início da pandemia da COVID-19, uma verdadeira guerra de narrativas políticas instalou-se e mexeu, dentre outras questões, com aspectos eleitorais, identitários, nacionalistas

e geopolíticos. Nesse contexto, alguns países ocidentais promoveram duras críticas à China, alegando, por exemplo, que esta teria omitido informações essenciais no início do surto e poderia ser culpada ou pela pandemia ou, no mínimo, pela forma como o novo coronavírus expandiu internacionalmente no início do ano de 2020. Por sua vez, o gigante asiático retrucou em variadas oportunidades, dizendo ser alvo de preconceito e de teorias da conspiração e buscando focar na cooperação com os países afetados.

Não cabe, aqui, esmiuçar todo o embate que vem ocorrendo no âmbito da pandemia, mas sim, partindo do reconhecimento de que esse choque existe, reconhecer algumas narrativas que arriscam fazer recrudescer o preconceito em relação à China. Para isso vale fazer uma breve comparação entre dois artigos do The New York Times: “*China May Be Beating the Coronavirus, at a Painful Cost*”¹, publicado em sete de março do corrente ano, e “*Italy Announces Restrictions Over Entire Country in Attempt to Halt Coronavirus*”², publicado pouco tempo depois, no dia nove do mesmo mês.

A começar pelo primeiro texto, pode-se mencionar que ele já traz em seu subtítulo o questionamento se outros países lutando contra o surto poderiam aprender com os esforços chineses ou se a cura poderia ser pior que a doença, indicando apreensão quanto às medidas de quarentena sendo adotadas. Em seu início, menciona que, surpreendentemente, o país que encobriu e administrou mal o surto inicial parecia estar conseguindo controlá-lo, pelo menos segundo os números oficiais, mas que estes poderiam estar imperfeitos ou incompletos – as próprias escolha de palavras e estruturação argumentativa já indicam, desde o começo, a percepção negativa acerca das iniciativas e dos dados chineses.

Ademais, o artigo menciona que a dura estratégia da China impõe questionamentos profundos e incorre em alto custo para a população e suas liberdades pessoais, bem como, após trazer



EXEMPLO DE MAPA-MÚNDI UTILIZADO NA CHINA

O PESO DA NARRATIVA CONTRA A CHINA NA VISÃO DOS ESTADUNIDENSES

Em abril de 2020, o Pew Research Center publicou uma pesquisa demonstrando que, desde o surgimento da pandemia da COVID-19, as visões negativas sobre a República Popular da China e seu presidente, Xi Jinping, continuaram em ascensão no povo estadunidense, atingindo 66% em opiniões desfavoráveis. Tratava-se, então, de um recorde desde que o centro começou esse tipo de exame, em 2005.

Vale notar que, entre 2017, quando Donald Trump assumiu a presidência dos Estados Unidos e começou, a partir daí, a promover a construção de narrativas preconceituosas e a impulsionar sua guerra comercial contra a China, e 2020, houve um crescimento de quase 20% no número de estadunidenses que tinham opiniões desfavoráveis em relação ao País do Meio. Certamente, há de se considerar que o advento do novo coronavírus e o recrudesimento das críticas ao gigante asiático, inclusive, por meio de termos estigmatizantes, sejam fatores relevantes para esse aumento; contudo, entre 2017 e 2019, portanto ainda no período pré-pandemia, a percentagem já havia dado um salto de 47% para 60%, então o maior índice negativo.

Em mais uma pesquisa do tipo, publicada em julho de 2020, ou seja, apenas quatro meses após a realização da investigação anterior, percebeu-se novo recorde histórico, com 73% dos estadunidenses tendo uma visão desfavorável à China. Dentre outros fatores envolvidos, destaca-se que a deterioração das relações entre os países, acompanhada do uso de narrativas políticas negativas direcionadas à China, relaciona-se à deterioração dos indicadores de opinião dos estadunidenses sobre o gigante asiático. De facto, narrativas influenciam os rumos de uma nação e sua percepção de mundo. Reverter o corrente quadro de disputas e de desconfiança em prol de uma busca de cooperação e de respeito mútuo é o desafio de ambos os países no mundo pós-pandêmico.

números positivos sobre as medidas efetivadas, questiona a validade desses dados. Por fim, ele promove uma crítica ao Partido Comunista da China, mencionando que seu sistema autoritário *top-down* dá a seus oficiais um poder quase ilimitado – informações que são um tremendo equívoco e desconsideram toda a complexidade do sistema político chinês – e argumenta no sentido de uma suposta frustração crescente da população com o *lockdown*, alegando que, apesar de todas essas medidas tidas como problemáticas, seria improvável que o vírus fosse eliminado no país. Meses depois, mais especificamente a 6 de outubro, a China comemorava 51 dias consecutivos sem casos locais da COVID-19, com um total de 4.634 mortes e 85.482 pessoas infectadas desde o início da pandemia.³ Passando para uma breve análise do segundo artigo supramencionado, vale dizer que ele tem início lembrando que a Itália era o primeiro país europeu a anunciar medidas nacionais severas, que visariam a adotar os limites drásticos que estariam a funcionar na China, e questionando se um Estado moderno europeu que protege suas liberdades individuais faria os sacrifícios necessários – repete-se, “sacrifícios necessários”. O tom, quando se trata de medidas semelhantes na Europa, já é outro daquele utilizado para a China, “um regime autoritário”, como o texto faz questão de frisar, em antagonismo ao “Estado moderno europeu” citado.

Em seguida, é mencionada uma declaração do primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, em meio a explicações sobre as medidas sendo adotadas e os impactos na população: “Todos nós temos de renunciar a alguma coisa pelo bem da Itália”. O artigo traz, ainda, a informação de que um diretor do Instituto Nacional de Saúde da Itália, Giovanni Rezza, teria confirmado que o governo tinha duas escolhas, ou promover um *lockdown* semelhante à Wuhan ou impor as restrições que vinha impondo. Ao fim, menciona mais uma declaração de Conte, que teria apelado para o senso de dever cívico de seu povo: “Todos devem fazer sua parte. A decisão correta é ficar em casa”. No fim do mês em que ambos

os textos foram publicados, a Itália registava um recorde mundial de mortes, com quase mil em vinte e quatro horas, e já ultrapassava o total da China na metade do tempo lidando com a pandemia.⁴

O caminho da solidariedade e da cooperação

Para além da objetividade de absurdos como o termo “vírus chinês”, utilizado amplamente pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump para referir-se ao novo coronavírus, a breve análise acima demonstra como narrativas podem estar permeadas de preconceitos e de subjetividades relativas às percepções individuais ou coletivas de um determinado país ou região, que, por sua vez, influenciam outras pessoas e coletividades local e globalmente sobre a China. Com isso, corre-se o risco de, por meio da falta de conhecimento profundo e/ou do amparo em versões estereotipadas do “outro”, a narrativa, carregada de subjetividade, gerar desinformação e deteriorar relações.

Palavras e narrativas importam, especialmente quando advêm de líderes e de pessoas pú-

“
A COVID-19 poderá servir para afastar os povos e os governos (...) ou para aproximá-los.”

blicas ou de grandes canais de informação, já que podem resultar em estigmatização, reforçar preconceitos e incitar alguma forma de conflito, como o que vem ocorrendo entre Estados Unidos e China. Ao mesmo tempo, podem também incentivar e desenvolver empatia e amizade, promover o estreitamento de laços em prol de um mundo mais pacífico e facilitar a cooperação, como o que deve ocorrer com uma eventual vacina chinesa, que se tornará um bem público mundial, conforme anunciado pela China na última Assembleia Mundial da Orga-

nização Mundial da Saúde. No fim, são os dois caminhos principais a se escolher nestes tempos de pandemia: a COVID-19 poderá servir para afastar os povos e os governos, privilegiando suas divergências e dificultando o entendimento mútuo, ou para aproximá-los, valorizando suas semelhanças e superando diferenças culturais. Torce-se pela segunda alternativa.

É hora de almejar relações internacionais mais diversas e menos dualistas. Afinal, nenhum Estado é perfeito, e toda nação tem muito a ensinar, inclusive, e, hodiernamente, talvez principalmente, a China. A Ásia, liderada pelo País do Meio, ganha crescente importância na política e na economia internacionais, e isso deve ser levado em consideração pelo Ocidente, que vê seu histórico e pleno domínio sobre o pensamento e a prática internacionais ser desafiado, em prol de uma maior democratização do sistema internacional. Em vez de seguir o instinto natural de temer e de afastar o “desconhecido”, mantendo-se ideias pré-concebidas e o *status quo*, sugere-se buscar a aproximação e a compreensão, bem como construir pontes reais para a cooperação, para a solidariedade e, por que não, para uma “comunidade com futuro compartilhado para a humanidade”. ■

Notas

¹ QIN, Amy. China may be beating the coronavirus, at a painful cost. *The New York Times*, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/07/world/asia/china-coronavirus-cost.html>. Acessado em: 03/10/2020.

² HOROWITZ, Jason. Italy announces restrictions over entire country in attempt to halt coronavirus. *The New York Times*, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/09/world/europe/italy-lockdown-coronavirus.html>. Acessado em: 03/10/2020.

³ UOL. China chega a 51 dias consecutivos sem casos locais de COVID-19. *UOL*, 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/10/06/china-chega-a-51-dias-consecutivos-sem-casos-locais-de-covid-19.htm?utm_source=meio&utm_medium=email. Acessado em: 07/10/2020.

⁴ O GLOBO. Itália tem quase mil mortes em um dia e ultrapassa China em número de casos. *O Globo*, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/italia-tem-quase-mil-mortes-em-um-dia-ultrapassa-china-em-numero-de-casos-1-24333330>. Acessado em: 04/10/2020.